

Parábola da vo

Bahassan Adamodjy

O manjar que a maioria dos moçambicanos desejava, ver servida a mesa da votação de hoje (quarta-feira), deveria fazer-se compor por uma variedade de iguarias, entre as mais representativas da nossa gastronomia, não apenas para a satisfação dos gostos ou hábitos alimentares com que uns e outros se identificam ou deleitam, mas também em respeito pela diferença, da dieta que as minorias observam, neste dia festivo e solene, que se realiza apenas uma vez em cada cinco anos.

Iniciado às sete da manhã, devendo prolongar-se até as dezoito horas de hoje, este quarto banquete, que deveria apresentar toda a gama da diversidade que se apresentara, pecca por reduzir o povo à escolha do que apenas se

apresenta como disponível. Evoluímos em distintos quadrantes da nossa vida, mas neste, já tido como exemplo no nosso continente, infelizmente regredimos. É o nosso aclamado processo eleitoral que, irrevogavelmente, se enodoa. É o sistema que temos vindo significativamente a aperfeiçoar, com a participação de todos e de cada moçambicanos em particular, que fica, irremediavelmente a perder. O povo, que deveria estar a manifestar a sua preferência, entre todas as iguarias que se propuseram e não apenas entre as disponibilizadas, merecia uma festa rija, caso todos, de acordo com os seus gostos, pudessem, escolher o prato que os agrada, ou que se afigure com as propriedades do que se sentem forçados a

consumir, por razões de ordem dietética. Se todas as propostas, tivessem sido expostas à mesa, a mais escolhida impor-se-ia com todo o mérito e razão, como o prato que todos nós devemos respeitar e consumir, como a iguaria nacional, nos próximos cinco anos, independentemente de se fazer parte das minorias que o não tenha escolhido. Mas essas minorias deverão ser vistas como parte de um todo, e não penalizadas por manifestar publicamente a sua preferência, ou simplesmente excluídas do projecto de desenvolvimento nacional. O cozinheiro e as cozinhas que saírem aprovados, nas vertentes presidencial, legislativas e provinciais, representando assim a vontade popular expressa, deverão passar a considerar-se não na condição de patrão, como actualmente

acontece e se confunde o que se faz e o que se fez, como sendo da realização de um patrono, mas saber colocar-se na condição de empregado, ou empregados de luxo, de todos nós. Saber que serão pagos e alimentados pelo suor de cada um de nós. Roguem a Deus e aos vossos mujimos pelo emprego, rodeado das mordomias que o povo vos concede. Não passemos nós, em contrapartida, que vos concedemos esses lugares à sombra, ao lugar de reles empregados, em que muitos são pisados e estigmatizados, como em alguns casos se observou na legislatura que finda.

A partidarização do Estado, sob o qual proeminentes figuras da igreja católica reagiram recentemente em carta, não denota a prática da imposição de uma única iguaria à mesa de todos?

Como pode uma impor-se e vedar às outras de se fazerem representar na mesa de todos, sem que, para isso, se as pise e hostilize?

Um cozinheiro, por melhor que seja, deve, ele mesmo e a sua cozinha, fazer-se respeitar, respeitando, primeiro, o meio que o rodeia. Nenhum cozinheiro, sua cozinha e cozinheiros, terão visibilidade, se não respeitarem os actores ou figurinos do meio em que outras iguarias têm expressão e lugar. A distinção que os celebra e lhes confere poderes entre os demais, não os torna diferentes, mas, sim, com um maior peso de responsabilidade perante todas as sensibilidades do meio a que pertence.

A mathapa, por muito boa e conhecida que seja, entre toda a nossa variedade de iguarias, não pode ser julgada por si e fora do

contexto das outras. Os dignos representantes dessa iguaria, se justos e equitativos, não podem vangloriar-se, julgando-se vencedores de mérito, se aprovados à mesa manchada pela audiência dos excluídos. Que, de futuro, mecanismos sejam encontrados para que todas se façam representar, dado tratar-se de uma festa de todas as sensibilidades, que fazem parte desta maravilhosa terra, que a l g u n s contraditoriamente chamam de Pérola do Indico. Se Pérola somos, tenhamos, então, a dignidade das pérolas, que, para se fazerem notar e mostrar a rica aparência dos seus reflexos irisados, não precisam de fazer seja o que for entre outras jóias do meio que as circunde.

Entre os três cozinheiros aprovados a vender o seu peixe, o que for escolhido deverá respeitar, como qualquer

A liderança como determinante de

Custódio França
custodiofra@yaho.com.br

Falar de reformas é tocar num aspecto crucial no quotidiano do ser humano. No nosso dia a dia, de tempos em tempos, qualquer sociedade, qualquer organização (seja ela política-administrativa, empresarial, associativa ou até familiar) precisa de realizar reformas para cumprir com os seus objectivos teleológicos. Várias razões e exemplos, de vários domínios, podiam aqui ser apontadas sobre a necessidade e a importância de realização de reformas. Neste texto centrar-me-ei no âmbito Político-Administrativo.

Partindo de Moçambique, pode-se dizer que o grande desafio da actualidade é despartidarização, ou se quiserem, a democratização do Estado, como aliás acabou sendo objecto do relatório da última reunião dos Bispos de Moçambique.

Já no âmbito continental, o problema é ainda maior. Alguns líderes africanos continuam sendo e estando cada vez mais interessados em permanecer eternamente no poder! Mais um novo fenómeno está a emergir na política africana. Parece que está a ficar na moda o facto de, realizadas as eleições, os líderes no poder, mesmo com os resultados dos escrutínios a seu desfavor, continuarem no poder e a advogar a ideia de um governo de unidade nacional.

Infelizmente, estas acções, estas ilegalidades, estes modernos "golpes de estado", acontecem sob o olhar cúmplice das organizações internacionais (SADC, UA e ONU). Isto leva-nos a levantar algumas questões: Existe Democracia Africana ou temos Democracia em África? Qual é a melhor forma da comunidade

política para África? Qual é a justificação e a legitimação do poder e de autoridade nas comunidades políticas africanas?

No plano mundial, o desafio político actual prende-se com algumas das questões centrais da Filosofia Política Contemporânea. Como é que se explica o aumento gradativo das assimetrias entre as regiões no mundo? Quais são os fundamentos da justiça social? Que relação se pode estabelecer entre a liberdade individual e a liberdade na vida da comunidade política?

Revisitando o conceito de Liderança, Ralph M. Stogdill observou que existem quase tantas definições de Liderança quanto o número de pessoas que tentaram definir o conceito. De acordo com Chiavenato (1998), a Liderança é a influência interpessoal exercida numa situação e dirigida através do processo da comunicação humana à consecução de

um ou de diversos objectivos específicos. Desta maneira, a Liderança é encarada como um fenómeno social e que ocorre exclusivamente em grupos sociais.

Paralelamente, Stoner e Freeman (1985), definem a Liderança Gerencial como o processo de dirigir e influenciar as actividades relacionadas às tarefas dos membros do grupo. Já Hersey e Blanchard (1977) definem a Liderança como o processo de exercer influência sobre um indivíduo ou um grupo de indivíduos nos esforços para a realização de objectivo em determinada situação. Se observarmos atentamente, concluiremos que todas as definições convergem num aspecto: a Liderança é um processo de dirigir e exercer influência sobre o grupo ou grupos, com vista ao alcance de determinados objectivos.

O comportamento de Liderança (que envolve funções como planejar, dar informações, avaliar,

arbitrar, controlar, recomendar, estimular, punir, etc.) deve ajudar o grupo a atingir os objectivos, ou, em outras palavras, a satisfazer suas necessidades.

Nos últimos tempos tem-se assistido uma onda crescente de reformas tanto ao nível das organizações governamentais, como das não governamentais. Em Moçambique, por exemplo, foi lançada, em 2001, a Estratégia Global da Reforma do Sector Público (EGRSP) pelo governo moçambicano. A mesma tem a duração de dez (10) anos e enquadra-se na estratégia mais ampla do Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta (PARPA). A finalidade da EGRSP é a redução e eliminação da pobreza absoluta.

Durante a implementação da primeira fase da Reforma do Sector Público (2001-2005), foram identificados alguns constrangimentos cuja solução é indispensável

para a implementação eficaz e com impacto na segunda fase. Assim, definiu-se que a segunda fase devia, dentre outras coisas, focalizar-se na prestação de serviços, tornar a Administração Pública centrada no cidadão e assegurar a liderança sectorial.

Achamos que os três pontos acima apontados merecem de facto muita atenção. Porém, neste texto, defendemos, que o último aspecto determina o sucesso dos restantes dois. Julgamos que só com uma liderança eficaz, baseada em princípios como de transparência, de participação, de responsabilidade/responsabilização, de eficácia e de coerência, se pode cumprir e alcançar aquilo que é o objectivo da Reforma do Sector Público (RSP).

A crescente insatisfação com a falta de soluções para os problemas cada vez mais complexos das sociedades modernas, também elas com maior exigência democrática-

otação

distinto cozinheiro, todas as sensibilidade da nossa praça. Um bom cozinheiro, torna-se melhor, quando sabe respeitar, acima de tudo, os consumidores que o elegeram, em função da qualidade e sabor das suas iguarias.

Infelizmente, é o banquete que nos foi proporcionado. Felizmente, é o que, mesmo contra a vontade de alguns, dever-se-á agradecer a Deus, que nos protege, desde o tempo em que destemidos compatriotas, pagariam com a vida o facto de se ser portador de ideias contrárias às dos que pontificavam a mandância, e que ainda hoje, continuam a «comer sozinhos» sem deixar restos, nem mesmo àqueles a quem subvertem. Agradecer ao omnipresente, que tem sabido manter entre nós «o esplendor da luz perpétua» que nos tem dado forças, para chegar

ao dia de hoje sem grandes sobressaltos.

Os excluídos, cada um à sua maneira, encontraram formas de se fazer representar no jogo, aliando-se aos admitidos, com os quais tradicionalmente se identificam, ou entregando-se impudicamente aos que investiram tudo, como se jogassem a derradeira cartada da sua existência. Escolhemos o que nos foi dado a escolher. Eis a nossa passividade e grandeza humana.

É verdade que poderia ter sido melhor, se a vontade dos responsáveis pela logística, fosse inequivocamente essa.

Gostos são gostos, se não se discutem, não devem por isso, merecer menor respeito. É, aliás um dos princípios nos quais assenta o pilar da democracia, sistema que não obstante os constrangimentos,

ardilosamente provocados, lenta e seguramente, vai se impondo, e a fazer com que escolhamos livremente os nosso dirigentes, entre todos os que se proponham como tal.

Votamos. Apesar de tudo, confesso que nunca vi, nos primeiros dois pleitos, uma campanha eleitoral tão movimentada como foi a última. Se a oposição não existe, como dizem os que abertamente favorecem a nossa mais poderosa força política, como entender que a mesma tenha colocado tantos meios humanos e materiais no terreno numa só vez?

Que FEZ a Frelimo competir com o seu próprio governo, ao alugar helicópteros ao seu candidato, que, em tempo relâmpago, alcançava destinos que os outros dois conquistavam com a lentidão de um cágado?



o desenvolvimento de Moçambique

ca e participativa, tem confrontado os líderes políticos a encontrar soluções para os problemas das nossas sociedades; estes mesmos cidadãos têm cada vez menos confiança nas instituições e na política.

No âmbito da presidência aberta, o Presidente da República, Armando Guebuza, disse, em Mogovolas, que era preciso promover a prática de liderança para se combater a pobreza. É preciso deixar de agir como chefe e promover boas práticas de liderança para que a sua acção possa se reflectir positivamente na melhoria de vida das populações. A liderança também tem de se manifestar positivamente na produção de comida (Guebuza, in Jornal Noticias de 26/04/08).

Um dos aspectos que marcam, pela positiva, a governação de Guebuza é sua frontalidade na abordagem dos assuntos. Pela primeira vez na história política de Moçambique,

apareceu um dirigente a diagnosticar as razões do nosso atraso social e económico dentro do país e não fora. Segundo E. Macamo (21/08/07, in Jornal Noticias), Guebuza soube identificar o desafio que o momento histórico impunha. Depois de vários anos em que os nossos problemas foram sempre de autoria externa, o discurso de Guebuza veio revelar que era preciso começar a trabalhar seriamente nos factores internos.

Tendo em conta que o Presidente da República é o líder máximo, é preciso garantir que o seu discurso seja acompanhado pela prática. Aqui, é onde entram os diferentes líderes sectoriais. Estes é que podem permitir que de facto se operacionalize o objectivo macro politicamente definido. As lideranças sectoriais, desde o top dos ministérios até aos chefes de posto, é que devem garantir a pragmatização teológica do discurso presidencial.

Para o sucesso das Reformas em curso em Moçambique, é preciso que haja um comprometimento, não só de toda a população, mas, sobretudo, dos líderes político-administrativos. A dinâmica deve provir de dentro dos próprios órgãos de Estado. Para nós, o grande problema de Moçambique ainda é a corrupção, que é fometada, em grande medida pelo "Burocratismo". Enquanto a Burocracia, no sentido clássico, significa a organização eficiente por excelência, através do estabelecimento antecipado e rigoroso do que deve ser feito e como deve ser feito, o Burocratismo, ao contrário, é uma disfunção da essência da Burocracia no sentido clássico.

Burocratismo consiste no domínio excessivo ou influência abusiva da Burocracia, típico de organização, sector ou repartição onde o volume de documentos se multiplica e se avoluma impedindo soluções rápidas e ou

eficientes. As manifestações do Burocratismo são, entre outras: o excesso de formalismos, demasiados passos e intervenientes (no processo de tramitação de documentos), a resistência à mudança, a categorização das decisões, o autoritarismo e despersonalização do relacionamento. Assim, a existência do Burocratismo cria uma cultura de oportunidades e ambiente propícios para o florescimento de práticas corruptas. A imprevisibilidade de funcionamento é atributo principal de um sistema que enferma de Burocratismo.

Um dos sinais da possibilidade de melhoria de vida dos cidadãos foi dado, nestes últimos cinco anos, pelo elenco de Eneas Comiche, na governação do Município de Maputo. Penso que mesmo os cépticos por natureza conseguem vislumbrar mudanças de vulto na cidade de Maputo. Este é mais um exemplo de que a nossa pobreza pode ser combatida. Temos é que nos

despirmos dos nossos arquétipos negativos e cultivar um espírito de gestão da coisa pública. Os líderes devem garantir a execução dos projectos desenhados, através de uma gestão cada vez mais transparente, participativa e comprometida.

Outro conceito que deve fazer parte do nosso vocabulário é o da responsabilização. É preciso que as pessoas sejam responsabilizadas pelo comportamento contrário ao de desenvolvimento colectivo. A coisa pública não deve ser usada em benefício de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Aqueles que por negligência, por inércia ou por ignorância culpável, comprometer o desenvolvimento do país, devem ser responsabilizados. Isto permitiria que os outros se engajassem no trabalho e corrigissem os seus comportamentos desviantes.

É preciso que se estabeleça, permanentemente, uma relação entre as

reformas, o desenvolvimento do país e o tipo de liderança que desenvolvemos. Samora Machel, aquando da tomada de posse do Governo de Transição em 1974, chamou atenção sobre aquilo que ele (como nós) considerou um aspecto fundamental: a necessidade de os dirigentes viverem de acordo com a política da Frelimo, a exigência de no seu comportamento representarem os sacrifícios consentidos pelas massas.

Machel dizia que a corrupção material, moral e ideológica, o suborno, a busca do conforto, as cunhas, o nepotismo, isto é, os favores na base de amizade e, em particular dar preferência nos empregos aos seus familiares, amigos ou a gente da sua região faziam parte do sistema de vida que a Frelimo pretendia destruir! Hoje, 34 anos depois, será que conseguimos destruir esse sistema? ❏